

VISÃO GERAL DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE PRECONCEITOS ENVOLVENDO SOBREPESO/OBESIDADE DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORMOSA- GOIÁS

VISÃO GERAL DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE PRECONCEITOS ENVOLVENDO SOBREPESO/OBESIDADE DURANTE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE FORMOSA- GOIÁS

Clariane Ramos Lôbo¹, Cristiane da Silva Santos²

¹Mestranda da Universidade de Brasília; ²Universidade Federal de Goiás

Contato: clarianenutricionista@hotmail.com

RESUMO: Nos dias atuais, a obesidade se coloca de maneira prioritária para intervenção, em nível individual e coletivo, como um problema de nutrição em saúde entre as crianças e adolescentes. O objetivo foi pesquisar e identificar quais as principais percepções dos alunos do ensino fundamental sobre o sobrepeso/obesidade e o bullying, principalmente no momento das aulas de Educação Física. A metodologia se deu através de entrevista, algumas crianças se queixam das práticas de preconceito durante as aulas da Educação Física, caracterizado como bullying e crianças acima do peso mostraram uma tendência a serem o alvo em certas atividades recreativas. Pode-se perceber nas entrevistas realizadas com as crianças que o bullying ainda é muito presente nas aulas de Educação Física, embora exista estímulos para evitá-lo e que essa relação afeta o desempenho dos alunos nas aulas de Educação Física Escolar.

Palavras – chave: Obesidade. Educação Física. Bullying.

ABSTRACT: Nowadays, obesity has put a priority basis for intervention in individual and collective level, as a health nutrition problem among children and adolescents. The aim was to investigate and identify the key perceptions of elementary school students about overweight / obesity and bullying, especially when the physical education classes. The methodology was through interview, some children complain of prejudice practices during classes of physical education, characterized as bullying and overweight children showed a tendency to be targeted in certain recreational activities. It can be noticed in the interviews with the children that bullying is still very present in physical education classes, although there stimuli to avoid it and this relationship affects the performance of students in physical education classes.

Key - words: Obesity. Physical Education. Bullying.

INTRODUÇÃO

Obesidade, de forma geral é quando o indivíduo está com excesso de gordura corporal, extrapolando o limite de 20% no peso total do indivíduo, seja devido uma má alimentação, hereditariedade e/ou outros fatores. Já é reconhecidamente um problema grave de saúde pública, sendo que as crianças e adolescentes estão precocemente fazendo parte desta triste estatística (SIGULEM, 2013).

Essa mesma autora ainda conceitua obesidade como o crescente acúmulo de gordura no corpo e que já não se pode negar a sua participação no patamar de problemas nutricionais de saúde pública: a obesidade ainda calha de ser definida, de forma mais simples, como aquela situação em que há o acúmulo anormal ou excessivo de gordura no organismo, que inevitavelmente poderá comprometer a saúde. Os níveis de acúmulo de gordura, a porcentagem distribuída desta pode causar variações e consequências prejudiciais na vida

das pessoas que se encontram em sobrepeso ou obesidade. Por isso, é muito importante identificar logo o quadro de sobrepeso e obesidade, uma vez que os portadores dessa condição apresentam risco aumentado de morbidade e mortalidade.

Atualmente, é substancial colocar a obesidade como um problema de saúde pública que necessita prioritariamente de intervenção, tanto quando pensamos em indivíduos ou quando pensamos na própria comunidade, como um problema de nutrição em saúde (SIGULEM, 2013. p. 6). Silva (2007) descreve como é grande a importância para o desenvolvimento infanto juvenil a prática de hábitos saudáveis regrados com uma alimentação balanceada, e essa não pode ser completa sem a prática de exercícios físicos, que devem ser inseridos desde a primeira infância, para que nesta idade o organismo já se desenvolva sem correr os riscos da obesidade.

Crianças expostas à obesidade são propensos a ter problemas de saúde muito sérios e

estes os acompanharão ao longo da vida. A obesidade e o sobrepeso infantil se tornaram os vilões na saúde pública do nosso país, chamando mais atenção do que certas doenças infectocontagiosas (CARVALHO *et al*, 2005).

É encontrada, também, uma relação entre a obesidade infantil e aspectos psicológicos, tais como depressão, ansiedade e déficits de competência social, já que a doença não traz prejuízos apenas fisiológicos, mas também sociais e emocionais, observando que as pessoas obesas ou que se encontra em sobrepeso são vítimas de preconceitos das mais variadas formas, sofrem violências verbais e às vezes físicas, bem como são excluídas de várias atividades (FRELUT, 2000).

Neste sentido, o presente trabalho tem como objetivo pesquisar e identificar quais as principais percepções dos alunos do ensino fundamental sobre o sobrepeso/obesidade, principalmente no momento das aulas de Educação Física. Mais especificamente buscamos:

a)Refletir sobre o *bullying* escolar;

b)Coletar dados para definir o perfil dos alunos participantes da pesquisa (idade, sexo, condição socioeconômica, etc);

c)Buscar saber se as crianças tratam com diferença as outras crianças que estão obesas ou sobrepeso no momento das aulas de Educação Física (através do roteiro de entrevista);

d) Anotar e elencar quais seriam as principais reações sobre essa rejeição;

e)Tomar nota de quais as principais formas de violência em relação as crianças obesas.

O desenvolvimento desse trabalho é justificado pela expressividade que o tema representa nesses últimos dois anos, mais crianças apresentando sobrepeso e podemos atrelar esse fato a vários motivos, sendo os dois maiores a má alimentação e a falta da realização de exercícios físicos (OMS, 2012). É necessário que a discussão aconteça de forma mais incisiva para que as escolas, docentes, discentes e os próprios pais se atentem para todo o tipo de agressão que possa decorrer em face da obesidade/sobrepeso da criança. Um dos profissionais que

pode ajudar nessa transição (mudança corporal, na voz, nos interesses), é o professor de Educação Física, percebendo e observando a rejeição que a criança que se encontra no estado de sobrepeso ou obesidade pode sofrer durante a prática de educação física e aulas dentro da própria escola, sendo ele o mediador entre a escola e a família e até mesmo o mais indicado para alertar os demais professores.

Diante desse contexto, é necessário que se abra uma discussão maior que não aborde somente as questões relacionadas à obesidade infantil, mas que seja discutido e possível pesquisar e identificar quais as principais percepções das crianças de escolas do Ensino Fundamental sobre o preconceito acerca do sobrepeso/obesidade, principalmente no momento das aulas de Educação Física em algumas escolas públicas do nosso país.

OBESIDADE E *BULLYING* NO ENSINO FUNDAMENTAL

A obesidade é definida como aquela doença que é responsável

pelo aumento de gordura corporal e traz inúmeras consequências metabólicas. Essa doença não é algo que tenha chamado atenção somente agora, já que a Organização Mundial de Saúde estimou que se até o ano de 2025, não existir uma reversão da situação atual, teremos 75 milhões de crianças obesas. Isso nos leva a acreditar que ainda podemos tomar com segurança que a obesidade é também vista como um conflito entre os nossos genes antigos e os costumes da vida moderna (FLEGAL *et al.*, 1998).

Da infância até o momento da adolescência, são várias as transformações fisiológicas e psicossociais que acabam por determinar esse grupo populacional como o mais vulnerável de todos os grupos, no sentido de não decidirem diretamente o que e quando comer, quando e como se exercitar, as crianças são orientadas e alimentadas por seus pais e educadores escolares. As crianças em idade escolar (Ensino Fundamental), é apontado como o grupo que mais varia no diagnóstico nutricional porque existe uma inadequação da dieta decorrente, seja pelo aumento das

necessidades energéticas e de nutrientes para atender à demanda do crescimento, seja pelos costumes modernos que atingem essa população de forma mais impactante (AGNEW, 2006).

A etiologia da obesidade infantil pode ser tomada como multifatorial, ou seja, ligadas a inúmeros fatores externos e internos, e o aumento de diagnósticos nesses derradeiros anos podem ser entendidos como uma consequência dos fatores nutricionais inadequados (lanches industrializados e com calorias vazias, excesso de guloseimas e falta de horário para realizar as refeições), associados a um excessivo sedentarismo, já que muitas crianças passam horas em frente a televisão, videogames, etc. (KATER, 2000).

A Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF 2008-2009) realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), demonstrou que está aumentando exponencialmente o número de crianças acima do peso aqui no Brasil, principalmente na faixa etária entre 5 e 9 anos de idade. O número de meninos que se encontravam acima do peso mais

que dobrou entre em vinte anos (1989 – 2009), passando de 15% para 34,8%, respectivamente. Se tratando de obesidade já constatada, o número de obesos teve um aumento de mais de 300% nesse mesmo grupo etário, indo de 4,1% em 1989 para 16,6% em um ano, 2008-2009. O Brasil pode ser tornar o país mais obeso do mundo daqui a 15 anos se o quadro em que estamos não for invertido (IBGE, 2010).

Nesse sentido, a obesidade se torna comum nessa fase da vida devido às comodidades que o estilo atual oferece (jogos, computadores, transportes mais acessíveis), fatores genéticos e pela falta de prática de esportes e exercícios físicos (FEIJÓ *et al.*; 1997). Diante disso, existe a preocupação e a consciência da importância da manutenção dos bons hábitos alimentares e de estilo de vida saudáveis na infância.

Vários estudos apontam que a prática de atividade física entre jovens tem a correlação inversa com o risco de doenças crônicas não transmissíveis, destacando então a obesidade. O padrão de atividade física praticada na fase juvenil, pode predizer como serão

praticados os exercícios físicos em termos de qualidade e intensidade, na fase adulta (OEHLSCHLAEGGER, 2004; AZEVEDO, 2007).

Dados da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) sugerem que a obesidade infantil já atingiu mais de 5 milhões de crianças atualmente no Brasil. De acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em três décadas, podemos observar o crescimento de 4% para 18% as crianças do sexo masculino que se encontram acima do peso. No sexo feminino, o aumento foi de 7,5% para 15,5%. A obesidade infantil é bem nítida e perceptível na realidade escolar, se relacionando diretamente com o *bullying*. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).

Além de serem estigmatizados como fora dos padrões ideais de beleza, a criança obesa passa por várias situações constrangedoras, isolando-se, não consegue fazer novos amigos, estresse psicológico intenso, diminuição drástica da autoestima, levando para quadros conhecidos como depressão (ABREU, 2010).

“Os efeitos físicos da obesidade em crianças incluem dificuldade em manterem-se em atividades físicas, problemas para dormir, e com dificuldades para respirar”, assim como “cl clinicamente efeitos significativos na aprendizagem e memória função têm sido documentadas em crianças com apneia obstrutiva do sono, como consequência da obesidade” (ABREU, 2010, p. 08).

De acordo com Friedman (1995), diversos transtornos psicológicos que podem variar entre a ansiedade, a depressão, o afastamento social, são facilmente observados que pessoas que foram antes crianças obesas.

Algumas pessoas obesas que demonstram traumas e condições psicológicas desfavoráveis, já vivenciaram experiências ruins enquanto crianças (o *bullying* na escola, em questão), são pessoas que se demonstram altamente dependentes e infantis, são inseguros e não conseguem se desprender facilmente das lembranças sofridas (GIL, 1995).

O *bullying* é visto como a materialização de predefinições seguidas por segmentos culturais e que consequentemente dizem respeito às diferenças. São as manifestações agressivas,

perturbadoras e constrangedoras, em que um ou mais estudantes denotam violência verbal, física e a intenção é amedrontar e constranger (BOTELHO; SOUZA, 2007; LISBOA *et. al.*, 2009).

Olweus (1994) trata o *bullying* como um aglomerado de atitudes agressivas, que se tornam na maioria das vezes atitudes intencionais e repetitivas. Essas agressões ocorrem de forma gratuita, sem nenhum motivo aparente, que é realizado um ou mais alunos contra um ou outros. Outra definição muito aceita nos dias de hoje é a definição de Rigby (2002) como "estigmatização".

O *bullying* é constituído de três elementos decisivos, são estes os mais aceitos pelos pesquisadores que tratam o tema: repetição, prejuízo e a desigualdade de poder. Ainda quando pensamos em suas classificações, são vários os tipos de *bullying* sofrido pelas crianças em fase de desenvolvimento: podem ser agressões verbais, físicas, através das relações mantidas com os amigos e agressões no mundo eletrônico (BERGER, 2007).

O desejo de sobreviver é instintivo e comum entre todas os

seres. No meio educacional, existe uma hierarquia competitiva, em que as próprias crianças são afetadas e lutam por atenção e "poder". Desse ponto podemos entender que o *bullying* é acidentalmente praticado pelas crianças como uma tática de sobrevivência, desde muito cedo. Em alguns casos, esse começo, esse despertar para o *bullying* pode começar quando a criança se prepara e vai para a escola primária, onde ele ou ela é ensinada a ser o melhor de todos (AGNEW, 2006).

Para o *bullying* ser considerado efetivo, os papéis das personagens envolvidas se dividem, tradicionalmente, entre agressor, vítima, vítima/agressor e testemunhas. Tomamos o agressor como aquela criança que intencionalmente agride outra criança, na maioria das vezes aquela criança mais fraca, com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar. Outra característica importante é que o *bullying* ocorre sem que tenha acontecido provocação por parte da vítima (BERGER, 2007; CANTINI, 2004).

Define-se vítima de *bullying*, aquela criança que é comumente agredida pelos colegas e não é

capaz ou está apta a se defender, reagir ou conseguir parar os ataques dos agressores. As crianças do Ensino Fundamental que geralmente sofrem algum tipo de *bullying*, são caracterizadas como crianças isoladas, com caracterização física atípica dos demais (acima do peso, abaixo do peso, etc.), com comportamentos mais reservados, pois, crianças podem apresentar baixa autoestima, introversão e timidez extrema, poucas amizades e o emocional machucado (LOPES, 2005; CANTINI, 2004).

Existe ainda a junção das duas caracterizações: crianças que ao mesmo tempo em que são vítimas são também agressoras. Algumas utilizam a agressão para se defenderem por terem um alto índice de rejeição entre seus colegas, o que leva às atitudes agressivas e provocativas. Para a criança que em fase escolar exerce essas duas características, provavelmente será atribuído a explicação de que esses distúrbios provém das alterações psicológicas, merecendo atenção especial. Algumas crianças trazem alguns traumas que podem as tornar depressivas, ansiosas, inseguras e

inoportunas, e o modo que ela encontra de se reiterar com o mundo é humilhar os colegas para encobrir suas limitações (LOPES, 2005; AGNEW, 2006).

As personagens que se tornam as testemunhas, comumente são aquelas crianças que não se interferem e envolvem diretamente em *bullying*, mas são aqueles que assistem, os espectadores. Quando se trata do *bullying* na infância, no ambiente escolar, a maioria das testemunhas, sentem uma empatia propriamente dita pelas vítimas e sentem-se constrangidos com as agressões sofridas pelos colegas. As crianças se sentem impotentes e não conseguem apoiar e sentem medo, sentem vontade de se aproximar, mas temem ser a próxima vítima e se tornam apenas espectadores de todas as agressões (BANDEIRA, 2009; BERGER, 2007).

Bullying se torna um estressor potente, quando a criança é maltratada, através de menosprezo verbal ou exclusão e violência física. Esses maus tratos devem ser relatados como indutores de estresse em crianças do Ensino Fundamental, depressão, ansiedade e até mesmo diminuição da

imunidade corpórea. Então, podemos correlacionar a deterioração da saúde física e mental de crianças ao *bullying* escolar (COX, 1995; CORTES, 2014). No ambiente escolar, no momento das aulas de Educação Física, o *bullying* pode ser marcado e surgir de forma determinante para afastar alunos da prática de exercícios físicos. Em certas ocasiões podem surgir o desconforto pelo padrão estético corporal, habilidade e intimidade com as práticas físicas, trazendo à tona todos os tipos de xingamentos, ofensas e apelidos (VIANNA, 2015).

O preconceito, as ofensas e determinadas formas de violência podem privar crianças das vivências e experiências corporais durante as aulas de Educação Física. Entretanto, entendemos que as aulas de educação física escolar podem contribuir para a prevenção e controle da obesidade em crianças, nos restando ir em busca de práticas e metodologias que auxiliem, preparem os educadores a lidar quando o *bullying* ocorrer nas aulas de Educação Física.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tendo em vista os objetivos do estudo, este se caracteriza como uma pesquisa social de caráter descritivo.

A escola selecionada para a realização da pesquisa está localizada em um bairro de classe média da cidade de Formosa, no estado de Goiás, Colégio Estadual Professor Claudiano Rocha. A escola contempla séries do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, além da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ofertado no período noturno. Atualmente, estão matriculados 325 alunos de 1º ao 9º ano do ensino fundamental, com 22 funcionários, sendo 14 professores (02 de Educação Física) e o restante servidores.

O universo da pesquisa compreendeu os alunos com sobrepeso ou obesos matriculados no Ensino Fundamental. Foram identificados cerca de 10 alunos no período vespertino (média do índice de massa corporal foi 31,1), contudo apenas 03 tiveram a permissão dos pais ou concordaram em participar das entrevistas. Nesse sentido, os alunos entrevistados são do 7º e 8º

ano, do sexo masculino, com idades entre 12 e 13 anos.

Neste estudo, ocorreram 03 entrevistas, realizadas durante às aulas de Educação Física, ou antes destas, na sala de vídeo com os alunos participantes e a presença da coordenadora escolar. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado (Apêndice A). Foram registradas em áudio e autorizadas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 2). Nenhum dos participantes verificaram as transcrições, contudo os diálogos foi reproduzidos fielmente. O projeto teve autorização pelo comitê de ética da Universidade Federal de Goiás, passível a confirmação através do CAAE: 48002315.0.0000.5083.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Vários estudos apontam que as aulas de Educação Física entre crianças e jovens tem a correlação inversa com o risco de doenças crônicas não transmissíveis, destacando então a obesidade.

Iniciamos a entrevista questionando se o aluno gosta e

como se sente em relação às aulas de Educação Física. Dos três entrevistados, todos afirmaram gostar das aulas, um dos entrevistados relatou que chegou a mudar de escola, e outro relatou que o grande problema seriam os apelidos que surgem no momento em que se erra em algum jogo:

“Eu gosto das aulas de Educação Física. O problema é quando a gente erra e os meus colegas ficam zoando, botando apelido na gente. Eu fico bem à vontade, os professores todos são bem legais aqui na escola com todos. Gosto mais de queimada. “Eu gosto das aulas de Educação Física, mas sofria nelas na outra escola, por isso mudei” (Estudante 1)

Nota-se que as crianças gostam das aulas de Educação Física, das atividades oferecidas pela escola e principalmente de modalidades mais interativas, como a queimada. Pode ser pela sensação da competição, tirar o outro do jogo, ser o melhor na pontaria. A educação física escolar, assim como algumas outras disciplinas do currículo escolar, passa por tribulações e resistem em sua identidade. Desde o início dos

anos 2000, percebe-se que há um esforço por parte dos educadores e as maiores mudanças podem ser resultados de consequências sócio históricas. De acordo com Farinatti & Ferreira (2006), há maior preocupação com a definição de uma identidade para o corpo, contudo, é importante frisar que atualmente a educação física tem influências do conjunto de proposições que estão reunidas sob a ótica da promoção da saúde.

Se tratando desse tema, é inegável a importância de relacionar diretamente como a primeira questão debatida com os participantes, já que o preconceito, as ofensas e determinadas formas de violência podem privar crianças da prática de exercícios físicos durante as aulas, dando espaço então ao *bullying*.

Posteriormente foi levantada questões sobre quais outras atividades eles gostariam de fazer ou se essa atividade já era praticada na escola, durante as aulas de Educação Física ou em outros momentos de recreação. Os participantes, por serem do sexo masculino, logo enfatizavam o futebol, mas dois disseram que todos os jogos são bem vindos,

contudo tem aquele que relaciona as outras brincadeiras com dificuldade, acha mais fácil o futebol:

“Eu gosto de brincar só de futebol nas aulas de Educação Física.. Eu acho difícil outras brincadeiras.”

(Estudante 1)

O ambiente escolar deve ser agradável para que a criança ou adolescente se sinta confortável para a prática de exercícios. Quando questionados se era um ambiente agradável, se o clima era amistoso nos momentos da prática de exercícios, alguns não queriam falar, depois eles foram falando aos pouquinhos, que já foram xingados, hostilizados, tratados com grosseria pelos colegas e professores quando não entendiam a proposta do jogo:

“Já me chamaram de gordinho, gordinho nanico, me chamavam desse jeito maldoso. Eu contava pra diretora e ela resolvia. Aqui faço qualquer atividade física.” **(Estudante 2)**

“Quando me chamam de gordinho eu não ligo. O que mudaria seria denunciar, mas tenho medo de apanhar. Os meninos maiores fala que se a gente contar pra diretora que vamos apanhar mesmo.”

(Estudante 3)

O *bullying* pode ser encorajado se não for denunciado e contido. Geralmente, os que se sobressaem e cometem os atos de *bullying* que envolvem agressão física direta são os agressores mais populares, geralmente maiores e mais fortes, que geram o medo das vítimas. Entretanto, pode existir uma pequena parcela desses agressores que apresentem a autoestima baixa, quase um quadro de depressão contínua, agressividade extrema e na maioria dos casos, alterações psicológicas. Esse grupo deve ser muito observado, não somente durante as aulas de Educação Física, mas em todos os momentos escolares, já que estes se sobressaem quando humilham e ferem fisicamente seus colegas, como um escape, uma fuga para encobrir suas diferenças e limitações (GIL, 1999; LOPES, 2005; OLIVEIRA, 2000).

A violência no âmbito escolar pode ser dividida em duas modalidades. A primeira modalidade é caracterizada por atos que os marginais, vândalos deferem contra a escola e/ou seus funcionários, sejam depredando, danificando e destruindo o patrimônio escolar ou até mesmo os bens de funcionários. A segunda modalidade é representada pelas agressões físicas e verbais de aluno para aluno, de aluno para professor e/ou funcionário (SPOSITO, 2002).

O sobrepeso e obesidade se tornam razões comuns para que as crianças se tornem o centro das atenções de brincadeiras desagradáveis, chacotas e intimidação nas escolas (GRIFFITHS *et.al*, 2006; LUMENG *et al.*, 2010; PUHL & LUEDICKE, 2012). Estudos indicam que as agressões físicas e verbais (*bullying*) que decorrem de críticas relacionadas ao peso da criança ocorrem muito mais frequentemente do que as vitimizações decorrentes à raça, religião ou deficiência (PUHL *et al*, 2011; 2012; 2013).

De certo que algumas crianças ao sofrerem com o *bullying*, guardam marcas e recordações desses momentos

ruins para sempre em suas consciências. Em relação as quais seriam as possíveis reações na presença de uma situação considerada constrangedora, como *bullying*, se já presenciaram ou se já sofreram, elas não demoraram em opinar. Elas relataram sofrer bastante com os apelidos, com o julgamento dos colegas em relação ao peso deles, que os apelidos eram algo que realmente incomodava muito. Alguns revidam, disseram que respondem aos xingamentos e apelidos da mesma maneira, outros não retrucam, ficam calados. Um entrevistado relatou que as brincadeiras podem partir até mesmo dos amigos, ficando difícil entregar para a direção:

“Quando eu sofri bullying foi na aula de Educação Física. Eles ficam me chamando de baleia, gordinho... Ficavam falando toda hora, era só eu pegar na bola, rindo, achando que eu não ia dar conta de correr...Mas eu jogo queimada até bem, então, fiquei com raiva na hora, né?! Depois foi passando, mas não gosto muito de apelidos.”

(Estudante 3)

Durante toda a entrevista, podemos notar que as crianças ao se referirem ao causador do bullying, ao remeter a lembrança ao abusador, eles sempre associam aos alunos do sexo masculino. De acordo com Fernandes (2006), ficou evidente a agressividade que os alunos do sexo masculino exerciam, com palavras de baixo calão e até mesmo agressões físicas, enquanto as meninas se sentiam assustadas com tanta agressividade e se diziam incapazes de ofender e submeter os demais a apelidos tão vexatórios, condizendo as falas apresentadas anteriormente pelos alunos entrevistados. Em um estudo realizado na Itália em 2015, apontou-se que crianças e adolescentes obesos sofreram não só vitimização verbal, mas também de vitimização física ou exclusão de atividades em grupo, como nas aulas de Educação Física (BACCHINI *et.al*, 2015).

É importante estimular crianças em fase de desenvolvimento a se envolverem com jogos, brincadeiras e atividades corporais. Diante da globalização e dos avanços tecnológicos, as crianças se tornam integrantes

desse momento sedentário. Quando questionadas sobre a prática de exercícios fora da escola, se havia atividades como futsal, dança, lutas, os entrevistados pareciam surpresos, como se não fosse algo possível, mas com o passar do diálogos, eles se sentiram confortáveis e foram lembrando as atividades que costumam praticar, contudo não rotineiramente:

“Não pratico muito, mas venho a pé pra escola. Só quando estou atrasado que eu venho de carro.”

(Estudante 1)

“Eu jogo bola depois da aula, às vezes.” **(Estudante 2)**

“Eu fazia capoeira, ia direto. Se eu for hoje em dia, quando der tempo, ou alguém pra me levar.”

(Estudante 3)

Em um estudo realizado no Rio Grande do Sul, com sete participantes, através de questionário, pode-se inferir que algumas modalidades de exercícios físicos como a musculação e dança deveriam ser ofertado na escola, seria um diferencial para chamar a

atenção dos alunos, já que a maioria pratica fora de sala de aula (BUSIN & MARCON, 2012). Outro grande forte indício de que a prática de exercícios fora da sala de aula é de extrema importância para o desenvolvimento corporal da criança é a de que alguns professores podem ter uma especialização voltado para determinado esporte, trabalhando assim de forma mais repetitiva somente uma ou outra modalidade, dificultando assim a aceitação das crianças que sofrem *bullying*, por exemplo, e não querem participar de atividades rotineiras, mas que fariam com mais entusiasmo e praticariam tênis, por exemplo (BUSIN & MARCON, 2012). Quando questionados se eles sabiam o que era obesidade, somente um soube responder sem muita certeza sobre o que é a obesidade, ou termos parecidos:

“Obesidade é quando uma pessoa passa do peso, eu acho.” **(Estudante 2)**

Diante disso, da vinculação da mídia em expor o que é obesidade e ser um assunto em pauta nas redes sociais e nas

comunidades já há muito tempo, percebemos que das três crianças apenas uma conseguiu definir o que era obesidade. Existe a preocupação e a consciência da importância da manutenção dos bons hábitos alimentares e de estilo de vida saudáveis na infância. A obesidade se torna comum nessa fase da vida devido às comodidades que o estilo atual oferece (jogos, computadores, transportes mais acessíveis), fatores genéticos e pela falta de prática de esportes e exercícios físicos (FEIJÓ *et al.*; 1997).

Crianças eutróficas são menos envolvidas em processos que envolvam o *bullying*, já as crianças que são obesas ou apresentam sobrepeso podem tanto ser a vítima, quanto o valentão que pratica o *bullying* (TAKIZAWA *et.al*, 2015).

O *bullying* é visto como a materialização de predefinições seguidas por segmentos culturais e que consequentemente dizem respeito às diferenças. São as manifestações agressivas, perturbadoras e constrangedoras, em que um ou mais estudantes denotam violência verbal, física e a intenção é amedrontar e

constranger (BOTELHO & SOUZA, 2007; LISBOA *et. al.*, 2005).

Quando indagados sobre o que seria *bullying*:

“Uma pessoa sofrer bullying é quando alguém xinga ela. Falar palavrão, coisas feias que ofendem as pessoas... Chamar as pessoas de coisas que ofendem, não pensei em revidar porque são pessoas maiores que eu, são de outro ano.” (Estudante 1)

“O bullying é... Ter apelidos que você não gosta, botar apelidos nos outros. A pessoa tem que te aceitar como você é. Me chamavam de neguinho e minha mãe também.” (Estudante 2)

“Bullying é uma pessoa xingar a outra de baleia, preto, macaco... O menino escreveu num papel pro professor que as pessoas na rua chamaram ele de preto, urubu e que ele não gostava... Aqui nunca me xingaram não, eu não ligo. Já

vi chamarem meu amigo de gordinho da saveiro, fiquei triste.” (Estudante 3)

Percebe-se que as crianças já têm uma consciência nítida do que vem a ser o *bullying* e tudo de ruim que ele representa no universo infanto-juvenil. As respostas foram carregadas com pausa, percebendo que era um momento de emoção para as crianças.

Bullying também pode ser definido como um tipo específico de agressão envolvendo repetitivos e intencionais abusos, que visa causar dano à vítima operando dentro de um desequilíbrio, demonstrando o poder entre valentões (OLWEUS, 1993; SMITH, 2004).

O *bullying* é uma violência que começa de forma silenciosa e quem o escolhe como prática, geralmente, são os “valentões”, vitimando crianças com a autoestima vulnerável e estas na maioria das vezes sofrem caladas (SILVA, 2010). Portanto, o *bullying* pode causar grande impacto e propiciar diferentes momentos violentos na infância. Seria como se a puberdade cobrasse uma autoafirmação de

poder através de atos violentos. De qualquer maneira há um impacto negativo significativo na vida dos envolvidos (seja ele o agressor ou o agredido), mesmo que tardiamente detectado (LOPES, 2005).

Em países desenvolvidos, o *bullying* tem maior intensidade e ocorrência em lugares onde há muitos alunos e poucos adultos supervisionando, ou seja, em pátios e locais de atividade física (DUE *et al.*, 2005; OLWEUS, 2003; ROTH *et al.*, 2011). Aqui no Brasil, alguns estudos já realizados demonstram que o local onde é mais propício ocorrer o *bullying* é a sala de aula (ABRAPIA, 2002; CEATS & FIA, 2010; FANTE, 2005). Podemos desse modo conectar o papel do professor diante da problemática, e a importância do seu desempenho como intercessor durante as agressões, sejam elas em sala de aula ou em pátios, no momento das aulas de Educação Física, por exemplo.

No avanço da puberdade é normal acontecerem as primeiras paixões e o emocional desses jovens aflorarem, já que surgem todos os tipos de sentimentos, trazendo à tona a prática da violência, em alguns casos. Nessa

transição, esses alunos estão se descobrindo como seres de uma sociedade, definindo suas predileções, gostos, amizades e se integrando a grupos que definem melhor o seu ideal naquele momento (CHALITA, 2008).

CONCLUSÃO

Diante do objetivo proposto no estudo, é perceptível que a grande função das aulas de Educação Física Escolar é também atuar na prevenção e controle da obesidade em crianças e adolescentes, uma vez que a prática de atividades físicas no âmbito escolar, pela sua especificidade com as experiências corporais, possa a se tornar um espaço possível para definição de ações educativas no combate às epidemias, embora algumas crianças sofram preconceitos pelo excesso de peso ou constrangimento ao fazer certos tipos de exercício. Esse quadro é ruim para a população estudantil, já que ao sofrer preconceitos no momento das atividades as crianças podem se retrair. Crianças que sofrem bullying por causa de seu

peso, pode apresentar baixa autoestima, pouca interação social com as demais crianças, dificuldades no processo educacional e assim não conseguem bom rendimento.

Em conclusão, o estudo apresenta alguns pontos de novidade no que diz respeito às investigações anteriores sobre a relação entre o sobrepeso/obesidade e *bullying*. Os participantes deixaram claro que existe sim uma interferência no andamento das atividades quando o *bullying* está presente nas quadras, *bullying* esse que ocorre não só pela aparência física, mas também por ameaças, raça e contexto social. Contudo, são necessários mais estudos para confirmar esses resultados e para explicar os mecanismos sociais e psicológicos que ligam a obesidade e intimidação.

REFERÊNCIAS

ABRAPIA - Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Criança e ao Adolescente. *Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes*. 2002. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

- ABREU, J. *Obesidade infantil: abordagem em contexto familiar*. Porto, Funchal, 2010.
- AZEVEDO, M.R.; ARAÚJO, C.L.; COZZENSA DA SILVA, M.; HALLAL, P.C. Tracking of physical activity from adolescence to adulthood: a population-based study. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.41, n.1, p.69-75, 2007.
- BACCHINI, D. *et al. Bullying and Victimization in Overweight and Obese Outpatient Children and Adolescents: an Italian Multicentric Study*. PLoS One.2015.
- BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. *Bullying e educação física na escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção*. *Revista de Educação Física*, v. 139, p. 58-70, 2007.
- BUSIN, D.; MARCON, D. Relações entre a prática de atividades físicas e esportivas escolares e extraescolares de alunos do ensino médio. *Conexões: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 10, n. 2, p. 121-144, mai./ago. 2012.
- CARVALHO, A. M. P; CATANEO, C; MALFARÁ, C.T. Autoconceito e imagem corporal em crianças obesas. *Revista Pandéia*, São Paulo, v. 15, p. 131-139, 2005.
- CEATS - Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor, & FIA - Fundação Instituto de Administração. (2010). *Bullying escolar no Brasil: relatório final*. Disponível em: <http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Arquivos/pesquisa-bullying_escolar_no_brasil.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2016.
- CHALITA, G. *Pedagogia do Amor: a contribuição de histórias universais para a formação de valores das novas gerações*. São Paulo: Gente, 2008.
- DUE, P., *et al.* Bullying and symptoms among school-aged children: International comparative cross sectional study in 28 countries. *European Journal of Public Health*, 15(1), 128-132. 2005.
- FANTE, C. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. 2.ed. Campinas: Verus. 2005.
- FARINATTI, P.T. V.; FERREIRA, M.S. *Saúde, promoção da saúde e educação física: conceitos, princípios e aplicações*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.
- FEIJÓ, R.B. *et al.* Estudos de hábitos alimentares em uma amostra de estudantes secundaristas de Porto Alegre. *Pediatrics*, 19(4): 257-62. 1997;
- FERNANDES, F.O; VOTR, S. J. *Bullying nas aulas de educação física. Movimento*, Porto Alegre, v.12, n. 02, p. 173-197, mai./ago. 2006.
- FRELUT, M. L.; NAVARRO, J. Obesity in the child. *Presse Medicale*, 29(10), 572-577. 2000.
- FRIEDMAN, M. A; BROWNELL, K. D. *Psychological correlates of obesity: moving to the next research generation*. *Psychological Bulletin*, Gorayeb, vol. 11, nº. 07, p. 03-20, 1995.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- GRIFFITHS, L.J *et al.* Obesity and bullying: different effects for boys and girls. *Arch Dis Child*; 91: 121–125. 2006
- LISBOA, C. S. M. *Comportamento agressivo, vitimização e relações de amizade em crianças em idade escolar: Fatores de risco e proteção*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2005.

- LOPES NETO, A. A. *Bullying: comportamento agressivo entre estudantes*. J. *Pediatria*. Porto Alegre, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- LUMENG, J.C. *et al.* Weight status as a predictor of being bullied in third through sixth grades. *Pediatrics* 2010.
- OEHLSCHLAEGER, M.H.; PINHEIRO, R.T.; HORTA, B.; GELATTI, C.; SAN'TANA, P. Prevalence of sedentarism and its associated factors among urban adolescents. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.38, n.2, p.157-63, 2004.
- OLWEUS, D. *Bullying in school: what we know and what we can do*. Blackwell: Oxford, 1993.
- OLWEUS, D. A profile of bullying at school. *Educational Leadership*, 60(6), 12-17.2003.
- OLIVEIRA, F.F. Discriminação de gênero nas aulas de educação física. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 14. 2005, Porto Alegre. *Anais...* Rio de Janeiro: UGF, 2005.
- OMS Obesidad y sobrepeso. Nota descriptiva N°311. Mayo de 2012.
- PEDRA, J. A. – *Bullying escolar – Perguntas e respostas*. São Paulo: Artmed, 2008.
- PUHL, R.M.; LUEDICKE, J. Weight-based victimization among adolescents in the school setting: Emotional reactions and coping behaviors. *J Youth Adolesc*, n.41, p.27–40, 2012.
- PUHL, R.M. *et al.* Weight-based victimization toward overweight adolescents: observations and reactions of peers. *J Sch Health*, n. 81, p.696–703, 2011.
- PUHL, R.M. *et al.* Parental Concerns about Weight-Based Victimization in Youth. *Child Obes*, n. 9, p.1–9, 2013.
- ROTH, G. *et al.* Prevention of school bullying: the important role of autonomy-supportive teaching and internalization of pro-social values. *British Journal of Educational Psychology*, 81(3), 654-666. 2011.
- SIGULEM, D. M. *Obesidade na Infância e na Adolescência*. Compacta Nutrição. Editora de Projetos Médicos (EPM), 2013, Disponível em: <<http://sweetlift.com.br/wp-content/uploads/2013/04/Sweet-Lift-3.pdf>>. Acesso em: 19/12/2015.
- SILVA, A. B.B. *Bullying: mentes perigosas nas escolas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- SMITH, PK. Bullying: recent developments. *Child Adolesc Ment Health* n.9, p.98–103, 2004.
- SPOSITO, M. P. **As vicissitudes das políticas públicas de redução da violência escolar**. In: WESTPHAL, M. F. *Violência e criança*. São Paulo: Edusp, 2002. p.249-266.
- TAKIZAWA, R. *et al.* *Bullying victimization in childhood predicts inflammation and obesity at mid-life: a five-decade birth cohort study*. *Psychol Med*. 2015.
- WESTPHAL, M. F. (Org.). *Violência e criança*. São Paulo: Edusp, 2002. p. 249-265.